

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Afiliado à Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.646

Terça-feira, 8 de Abril de 1924

PREÇO—30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada de Cembre, 38-A, 2.º e Lisboa—PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Officinas de impressão—Rua da Atalaia, 111 e 113

Um armador de cumplicidade com uma autoridade marítima atirou para o naufrágio a tripulação da barca "Bela Vista"

## Adeus prata

que te vais à vela!...

Os políticos que a cada passo, pregam aos quatro ventos um amor patriótico e, em nome do espírito patriótico e dos interesses da nacionalidade, instantaneamente exigem ao povo sacrifícios enormes, outra coisa não tem feito senão vender a relucida essa pátria muito amada.

Volta e meia surge um negócio banal. Ou é um grande estado que é aliado aos banqueiros, ou a ela, elabora um conto de vitória, passando pelos beigos do país um empréstimo de 50 milhões de dólares ou é um governo de incompetentes que engendra um empréstimo interno que deixa o tesouro público exausto.

Negócios sobre negócios, desperdícios sobre desperdícios, que arruinando vertiginosamente a nação, dificultando o desenvolvimento das indústrias, provocando o desequilíbrio cambial, sendo do respectivo cortejo de miséria que a carência da vida agrava assustadoramente — eis a obra dos governantes que consistente e inconscientemente vão favorecendo a prosperidade de meia dúzia de banqueiros e de moageiros.

Não há vintém. O déficit é um canchalo que a inépcia dos governos não sabe fazer estancar. As medidas atrilabilidades que precipitadamente se tomam, por fetiche e estúpidas, em vez de reanimarem as energias vitais do país mais as atrofiam. Pretendem criar receitas para pagar as dívidas do Estado, arranjando novas dívidas. Esta tática de mau administrador, esta tática ruinosa, tornou-se norma. Tudo se vende, tudo se empenha, tudo se maltrata. O Estado português faz-

nos lembrar aqueles fidalgos perdulários que não trabalham, que teimam em ostentar uma vida de pândega, empenhando e hipotecando solares e propriedades em operações estúpidas que enriquecem os agiotas.

O agiota, neste caso, tem sido a nossa velha aliada Inglaterra que vai fazendo empréstimos em condições leoninas, certa de que Portugal jamais poderá pagar e que mais dia, menos dia, lhe levará colónias, pratas, obras de arte, museus, produção agrícola, para saldar umas dívidas de alguns patacos que os governos nunca souberam, por meio duma administração sã, pagar a tempo.

O sr. Alvaro de Castro appareceu ontem no parlamento a anunciar um triunfo financeiro. Arranjou—segundo as nebulosas explicações que deu—mais uma dívida que oscila entre 1.300.000 e 2.000.000 de libras. Ainda segundo os confusos esclarecimentos que o sr. Alvaro de Castro prestou, até ao mês de Junho terá o Estado português de restituir à Inglaterra a módica quantia de 700 mil libras. E não negou o sr. Alvaro de Castro que ficariam como garantia desse empréstimo as pratas do Banco de Portugal. Habitados como estão os nossos governos a faltar pontualmente aos seus compromissos, o país pode desde já dizer adeus às referidas pratas que a Inglaterra devorará fumeiramente.

Que bela comédia para farto riso dariam estas medidas de largo alcance que os nossos governos tomam de quando em quando! O pior é o povo pagar com a sua miséria todas estas brincadeiras, todas estas chantagens ignóbeis de intrujões vulgares!

## Anistia! Anistia!

A sã justiça exige que os presos por delitos sociais sejam também, e quanto antes, restituídos à liberdade!

Dos presos por questões sociais recabamos a eloquentíssima carta que passamos a reproduzir e que deve pesar na consciência de todos os homens de quem depende a prática do acto de incontra-ressa justiça que nela se reclama.

Camaradas: Em Novembro do ano transacto foi apresentado no Senado, pelo senador Procopio de Freitas, um projecto de lei anistando os delictos militares, bem como políticos sociais que não houvessem causado danos pessoais.

Os meses decorreram e nós, vítimas constantes perseguições policiais e judicárias, esperamos que o Senado se pronunciasse sobre o projecto. Por diversos motivos foi ele esquecido, e só agora, a propósito do 9 de abril, se está discutindo, tendo já sido aprovados dois artigos anistando os delictos militares e imprensa.

Pretende-se com esta anistia, não só anistiar uma data como remediar alguns erros cometidos pelos tribunais e libertar indivíduos que há muito deviam ter sido; nestas circunstâncias encontramos os presos por delito social.

Pelo T. D. S. foram condenados inúmeras vezes algumas dezenas de operários que na sua maioria se encontram inocentes.

A anistia a estes operários é um acto de justiça que se impõe, tanto mais que o T. D. S. foi extinto devido às anomalias que nele se cometiam.

Não faz sentido que os indivíduos que

data da extinção deste tribunal, se encontravam presos fossem postos em liberdade e aqueles que por ele tinham sido condenados continuem a ferros!

Além dos já citados há dois operários condenados na bárbara pena de vinte anos de degrado pelo simples facto de serem acusados de emprestar uma arma, acusação de que não se provou.

Para tais anomalias qual o remédio? Só uma anistia que restitua à liberdade de quem dela foi infamemente privado.

Rir-se não deve artigo os parlamentares que estão discutindo a anistia, esquecendo que os operários agora encarcerados que se bateram em todas as revoluções para que a república não baqueasse. Esqueceram decerto a heróica escalada de Monsanto, onde tantos dos que agora se encontram presos entraram rijamente contra os monárquicos, enquanto que alguns dos actuais senadores se preparavam, talvez, para aderir à monarquia caso ela triunfasse.

Mas se eles o esqueceram não o esqueçamos nós e por isso, proletários, vamos inclinar-vos a que reclamemos aos políticos desta república uma anistia para os presos sociais.

Mas reclamam-nos activamente porque a isso temos direito!

Que o vosso grito seja forte, altisonante: Anistia!... Anistia!

Limoeiro, 7-4-924.—Os presos por questões sociais.

## C. G. T.

Conselho Confederal

Reúne hoje, pelas 21 horas, com seguinte ordem de trabalhos: Conclusões do parecer «Delegacia à província»; Parecer do Comité, sobre a cédula pessoal; Apreciação dos trabalhos da Conferência das Secretarias Gerais da Secção de Unões.

## Viana-do-Castelo

Em virtude da grande falta de espaço com que lutamos já amanhã podemos publicar as impressões colhidas pelo nosso camarada Mário Domingues, na cidade de Viana-do-Castelo

## O TEMPORAL

produziu ontem inundações em vários pontos da cidade

O mau tempo continua a causar estragos em Lisboa. Ontem à tarde, devido às chuvas abundantes, deram-se várias inundações em diversos pontos da cidade.

Na avenida 5 de Outubro a água inundou várias caves. Na estrada das Linhas de Torres, ao Lumiar, avenida de Berne, avenida António Serpa e largo do Carmo deram-se várias inundações. O material de bombeiros compareceu nesses locais, nada podendo fazer, em virtude das sargas não darem vazão.

No pálio de D. Fradique abateu um barracão. Não houve desastres pessoais, apenas a mobília que continha ficou danificada.

Na praça das Flores, abateu um muro duma propriedade desabitada, da Companhia Portugal e Colónias.

Trabalhadores.

Lede A BATALHA

## A MODERNA INQUISIÇÃO

# No Forte de Monsanto

Sucedem-se as bárbaras agressões a presos, como indicio da revivescência atroz dos tempos negregados do Santo Ofício

São decorridos já alguns séculos após o findar glório dos tribunais inquisitoriais, dos processos execrands empregados pelos carrascos antigos contra os encarcerados indefesos. Mas nós observamos que se a Inquisição que Portugal adoptou em 1557, no reinado de D. João III, atingiu o seu ómega à bastos anos, como consta da história, existem contudo no regime prisional contemporâneo análogos meios de castigar bárbaramente os reclusos. E' óbvio que as agressões que cotidianamente se repetem por esses cárceres fora não são feitas rigorosamente, por assim dizer, sob a alçada das leis vigentes. Elas são cruelmente executadas, somente pelo alvêdrio dos carcereiros locais, de inferior categoria, mas facilmente consentidas pelos guardas de mais elevada posição, pelos chefes, subchefes e até pelos próprios directores.

Legalmente não são permitidos os castigos corporais. Mas que valor tem a lei, esse farrapo de papel inútil, ante o desabrigo constante de selvagens instintos nas almas obscuras dos carcereiros?

Nada os demove, nada os sensibiliza. Estes guardas de prisões, mais monstros que homens, se sabem soletar, não compreendem as leis, que constituem para eles repositórios de hieroglíficos. Se tem coração, é de este pectro, fechado aos sofrimentos alheios.

Que lhes importa os protestos dessa legião enorme de encarcerados, essa revolta humaníssima a ecoar nos peitos oprimidos das suas vítimas?

Sentem-se fortes, bem escudados no apoio imensas vezes ostensivo dos seus superiores hierárquicos. Agredem infamemente quasi sem o menor motivo, mas bastas vezes por verdadeiras insignificâncias. Se o preso ergue o mais velado protesto, se exterioriza a sua indignação contra as repulsiões que são constantes, aguarda-o o «segredo», as algemas e as carícias dos grossos chavões sobre o seu corpo famélico, que fica repleto de equimoses.

Imaginar, ó almas nobres, que sentis as dores alheias, a angústia inexprimível de centenas de desgraçados que sofrem esta clausura cruenta, que suportam esta tortura verdadeiramente inquisitorial!

Para os carcereiros, legítimos descendentes de Torquemada, de Rátégno e de todos os inquisidores do Santo Ofício, e presentemente discípulos do jesuita Lépiet, não constitui tormento suficiente para satisfazer o seu ódio deusmano, o suplicio moral que a prisão motiva. Porisso empregam os castigos corporais, porisso utilizam o molho de pesadas chaves como um azorrague de vergulho.

Bastantes vezes temos ouvido o nosso brado de rebelião contra esta barbárie, vezes sem conta termos revelado publicamente a obra assás criminosa cometida por esses carcereiros execrands, por cujos cérebros já jamais passamos uma sentença de clareza a mostrar-lhes a falta de humanismo da sua faina serdida e trágica.

Se vimos novamente a público agitar este assunto velho, é porque as agressões a prisioneiros se sucedem com uma frequência espantosa e desoladora.

Os guardas aqui do Forte de Monsanto estão celebrando-se com a ferocidade que revelam no trato com os reclusos, no requinta jesuítico que põem na acção nocente que desenvolvem.

Ultimamente repetiram-se as selvagerias. Vamos expor, em súmula a agressão de que foi vítima o recluso João César da Silva, que se encontra na sala 3. Aquele preso tivera uma pequena alteração com um companheiro, que ficaria em nada se não fôr a intervenção do guardião de guarda, que o reitor da prisão com o intuito de levá-lo à secretaria. Porém, logo que o João César da Silva transpôs a porta da sala, principiando sendo fortemente espancado.

Mais carcereiros se aproximaram, entre eles Albino Francisco de Almeida, Manuel Simões, Joaquim Correia de Matos e João Pereira, que se lançaram sobre o preso indefeso, agredindo-o portiadamente. Aquele infeliz como se insurgisse contra a maldade dos guardas, foi maltratado continuamente a caminho da secretaria, à porta da qual a agressão redobrou de violência, a ponto tal que o carcereiro Pereira fez um brecha na cabeça de J. César da Silva.

Após a costumada participação da ocorrência foi o recluso encerrado no segredo. No dia imediato, à hora da rudimentar limpeza das celas de castigo, o cdiendo guarda Correia, como não houvesse despejado todo o seu ranço no momento da agressão, que se dera a altas horas da noite, começou embriagando com o Silva ordenando-lhe que tirasse o cachecol, pois queria torturá-lo mais atroz o padecer daquele desgraçado.

Porém, o preso manifestou a sua revolta contra a perversa vontade do carrasco, recusando-se a dar o cachecol, o que deu ensejo a que o guarda o ameaçasse com uma navalha, não sabendo nós por que milagre o não feriu, tanto certo está da impunidade.

Contámos já resumidamente a odisséia do João César da Silva, sem que dessemos o merecido realce ao infame espancamento. Pois bem, revelemos agora sucintamente a conscienciosa

daquele caso que se nos antolha mais odioso.

Quando se deu a agressão junto à porta da secretaria, o preso António José Botelho, que desempenha as funções de amanuense, se bem que por tal facto não anfra a necessária remuneração, encontrava-se trabalhando. Como presenciase a acção bárbara dos guardas, não pôde cular o seu protesto e mandou chamar o chefe da cadeia, para que este puzesse cõbra a tam revoltante espancamento.

Então os carcereiros que acima citamos, na sua feroz de fazer vítimas, resolveram ir perante o director das Cadeias Civis, sr. França Júnior, apresentar queixa contra o Botelho, alegando que o seu protesto significava uma intromissão no serviço dos guardas.

O director curvou-se à vontade dos seus subordinados, castigando o recluso. Mas atenta na infâmia sem nome que o sr. França Júnior praticou. Como o António José Botelho está entregue ao governo, a sua libertação depende do director que o deveria meter às propostas, para ser justo, visto que o Botelho conta já longos meses de clausura, com comportamento exemplar.

Mas o sr. França Júnior, porventura compartilhando dos desejos de vingança dos seus subalternos, deliberou não incluir o António José Botelho nas propostas, privando-o injustamente da liberdade, sabendo lá por quanto tempo mais.

Semelhança castigo, que prova exuberantemente o espírito retrogrado e inumano do director das Cadeias Civis de Lisboa, merece o mais veemente protesto.

E' assim o prêmio que aquele sr. dá ao recluso Botelho, que desde manhã até noite alta, emprega a sua actividade em benefício da cadeia.

No dia 5 de Abril do pretérito ano deu-se aqui um espancamento que fez vibrar de indignação toda a gente que dêbe ter conhecimento. A Batalha verificou-se nas suas colunas, mas por escassez de informes concretos, não pôde dizer o nome de todos os agressores. Actualmente, bem informados, podemos revelar que os carcereiros que alegaram o preso António da Costa, que ainda se encontra no sector C deste Forte, e que desmanchamente o maltrataram depois de bem algemado, foram os guardas Albino Francisco de Almeida, Manuel Simões, Joaquim Correia de Matos e Manuel José Bastos.

O que escrevemos acima é um pálio testemunho dos horrores do regime prisional. Para que cessem tamanhas injustiças, e tam constantes anomalias, só existe um meio, profundamente racional e inteligente—é a transformação da sociedade. Todavia, como tal solução ainda vem longe, e consideramos inútil esperar eternamente por providências que as entidades competentes poriam em não dar, resta-nos erguer ostensivamente o nosso clamoroso protesto, para que as atrocidades que narramos e que nos levam à constatação amarga e horível de que em cada alma negra de carcereiro existem latentes os abomináveis instintos dum inquisidor do Santo Ofício, não se pratiquem com a cumplicidade do nosso silêncio.

Monsanto, 6-4-924.

Manuel de Castro SIMÕES.

## POR ESSE MUNDO FORA

### TURQUIA

Um ataque aos postos franceses

CONSTANTINOPOL, 7. — Comunicam de Adana que houve novos encontros entre turcos e franceses na fronteira síriaca. Os turcos atacaram os postos franceses assassinando dois soldados. Também vários bandos turcos atacaram os destacamentos franceses que operavam nas vizinhanças de Antiochia.

### ALEMANHA

Um conflito entre nacionalistas e comunistas

ATENAS, 7. — Chegou a esta cidade o leader realista general Metaxas que foi acolhido com aclamações de milhares de pessoas. O general vai lançar um manifesto recomendando ao povo grego que vote a favor da monarquia.

### GRÉCIA

Agitação monárquica

PARIS, 7. — Realizou-se uma reunião eleitoral em Francfort promovida pelos socialistas-nacionalistas. Entrevieram os comunistas tendo tido uma enorme rixa. Finalmente da parte dos comunistas foi lançada uma bomba que feriu gravemente oito pessoas que foram conduzidas ao hospital, podendo-se por esse motivo os manifestantes em debandada. A policia interveiu dando cargas.

### Tribunal de Arbitros Avindores

São convidados a reunir hoje na sede da U. S. O., pelas 20 horas, os vogais operários ao Tribunal de Arbitros Avindores para assunto urgente.

## UM CRIME!

# Naufragou a barca "Bela Vista"

O capitão do porto de Lisboa e o armador Correia da Silva atiraram para a morte alguns marítimos!

Se um dia se puzesse fazer com toda a minúcia a história dos desastres e das catástrofes que a ganância capitalista tem gerado, que macabro livro de crimes, que formidáveis volumes de ignominia, que imensa biblioteca de immoralidade, que grandioso monumento de torpezas assombraria o mundo!

Não passa um único dia que inúmeras desgraças se não produzam em toda a parte, determinadas pela febre do negócio que não respeita vidas, que calca todos os sentimentos nobres da humanidade.

Que foi a grande guerra se não um grande negócio do qual tiraram fartos lucros, vários clans capitalistas, ficando desfalcada a humanidade em alguns milhões de vidas?

Os últimos desabamentos não foram produto da ganância dos construtores?

Há tempos, devem lembrar-se ainda os leitores de A Batalha, a tripulação da barca Bela Vista recusou-se a embarcar, em virtude daquela embarcação não oferecer condições de navegabilidade. Chamada para o caso a atenção do capitão do porto, fez este cõr com a tripulação, declarando lambém que a barca Bela Vista não estava em condições de navegar.

Ninguém com mais competência do

que estas duas entidades—o capitão do Porto e a tripulação—poderia saber com melhor conhecimento de causa as condições de resistência dum navio que se pretendia que atravessasse o oceano, levando no seu seio algumas vidas preciosas.

Os tripulantes estavam convencidos de que arrostar, na barca Bela Vista, com as ondas furiosas do mar, representava um autêntico suicídio, uma aventura fatal, um sacrifício inútil. O capitão do porto confirmou as afirmações desses tripulantes.

Mas havia os interesses dos armadores, que não embarcam, que enriquecem a custa dos perigos que um punhado de homens arrosta em pleno mar. O sr. Correia da Silva presidente da Associação dos Armadores, surgiu então, conversou com o capitão do porto, que não sabemos porque motivo mudou subitamente de opinião, passando a considerar a barca Bela Vista capaz de suportar todas as intempéries, de lutar com todas as tempestades, oferecendo tantas garantias de navegabilidade como qualquer transatlântico. Fizeram-se, então, para inglês ver, para deitar poeira nos olhos da tripulação umas supostas reparações. E a barca saiu—saiu e naufragou.

Acusamos o capitão do porto de Lisboa de aliado ao Sr. Correia da Silva, ter condenado barbaramente a morte uma tripulação que tendo tido a consciência do perigo protestou contra tam sinistra deliberação.

Telegramas ontem recebidos em Lisboa notificam o naufrágio do barco Bela Vista. Um navio grego recolheu a bordo, uma baleeira onde ia o capitão da barca, o contramestre e seis tripulantes. Duas baleeiras não apareceram ainda. Ter-se-hiam perdido para sempre?

A esta hora algumas famílias entregues a uma angústia indescritível, esperam ansiosamente notícias dos entes queridos que a maldade, a sordida cubija de alguns homens sem escrúpulos arremessou sinistramente para um naufrágio horrível.

Quem sabe se neste momento algumas viúvas e filhos inocentes não estarão condenados já às agruras da miséria, a dor, ao luto, por culpa dum armador criminoso e duma autoridade marítima cúmplice!

Como isto revolta! não há sensibilidade, por mais embotada, que não estremeça de horror ao pensar na ferocidade repugnante desses homens, em cujos peitos pulsam bárbaros corações de feras! Justiça! Justiça!

## CRONICA PARA LAMENTAR

# NO CIRCO DE SÃO BENTO

As libras de alvarinho ou uma feira exótica—O bulficio e a alegria da gente bulfiosa—As rivalidades entre povoados distintos—O optimismo financeiro dum governo à dependura

A boca de Bilazar Teixeira badala espasmodicamente nomes conhecidos nos cadastros da politica e do eleitorado; parece aquela voz metálica um dobre de finados por uma sessão prestes a extinguir-se, porque a transusão do número vai dando poucas esperanças de vitalidade. F. desasete minutos dura a transusão do número, para o corpo da sessão ficar perigosamente débil, apesar dos 38 parasitas que percorrem.

Entretanto, como é natural entre pessoas que velam um cadáver, aqueles 38 compassos da comédia humana—clowns, equilibristas, prestidigitadores, alistas, animam o ambiente com uma alegre conversação, em que se fala de tudo menos do cadáver, recordam o sr. risadas que não são, porventura, choros sentimentais. A companhia abusa da ausência de público.

—A quanto estamos? — pergunta o Camoeses, ágil e espirituoso. Há número, sr. director?

—Somos ainda poucos—replica o dr. Tavares, tam nosso conhecido.—Será melhor esperarmos cinco minutos do que perder um dia.

—Calá a boca, menino—riposta a voz de sovelão do Sá Pereira.—E' cumprir o regimento para a gente covar... O que tu queres sei eu, Tavaresinho. Mas não chores, que também vais para o commissariado dos abastecimentos.

O Tavares fica tam envergonhado que não quiz falar ontem da carestia da vida.

A alegre companhia vai-se, entretendo. O tenor Carneiro Franco, filho legítimo dos papás, faz a sua estreia nesta época. Entoa uma canção selvagem de pura melodia, que nos fala dumas pautas alfundegárias que perseguem os produtos coloniais, não os deixando vir à metrópole e impedindo que os portugueses negociem com os pretos.

Agora, o circo tem o aspecto bulfioso duma feira de ciganos, Alvaro vem comunicar à tribu que o infeliz sempre se decidiu a emprestar um milhão e trezentas mil das loirinhas de cavalinho, mas recebendo a tribu, de cada vez, duzentas mil libras e, se mais quizerem, poderão receber quasi meio milhão. A mercancia nada tem que ver com o negócio, porque a companhia o fará com o dinheiro que tem, não dando azo a que lhe vendam cara péssima fazenda.

A tribu não compreende bem e começa protestando.

—Olhi o trama!

—Que negócio!

—Não dizes tudo?

—Venha a estrangeirinha toda!

Alvaro está silencioso e sorridente, entretendo os casos, que nestes dias de chuvia muito doem. O murmúrio progradi-se, enquanto o presidente procura distrair a companhia com a entrada na ordem do dia.

—Vai votar-se o artigo 7 do sêlo—grita o presidente.

A companhia nota, indiferente. Mas o Cancela, cirurgião do número, requer contra-prova, o que se faz para apurar, agora, 55 parasitas minando o corpo mórbido da sessão. Cinquenta e cinco—é o numero à justa.

Hermano grita qualquer coisa, no

meio do tumultuar daquelles indisciplinados boêmios. Afinal percebe-se que está zangado porque não lhe deixam falar.

O Alvarinho respira. A companhia parece tê-lo esquecido, entretido agora com um negócio de vinhos.

O rei dos candieiros da Portugal e dos Algarves, Tomé Unico, de Barros Queiroz, acha que este negócio de vinhos deve voltar para a adaga da comissão de finanças. A companhia, porque está de bom humor, concorda sem esforço.

O António Maia, rei da aviação que foi ao ar, propõe na feira um voto de saudação aos dois aviadores que vão de corrida a Macau, donde denodados portugueses tem vindo de corrida.

Jaime de Sousa, diz que aqueles dois homens são a glória do país português em terra de chineses.

Quatro bailarinas também dançam o côro da aviação:

Senhora Anica  
Senhor Queiroz  
Onde ides vós  
A passear...

O rei dos candieiros acende a sua indignação contra as pobres estrelas — a Melle Lelo, a D. Morais, a Viriato e a Lina, católicas — que proseguem, des-cuidadas:

A' cidade de Cantão  
Vêr a nação  
Subir ao ar.

Vem perturbar a alegria um dos maites, que vem propor um negócio urgente acerca das libras:

—Duvido que elas sejam de cavalinho, se ninguém me garante que não sejam de Alvarinho.

A companhia lá se condensa e a feira continua as transações.

O Jorge Nunes volta a alamar a convivência com as suas dividas:

—Não explicaste nada à gente, ó menino Alvaro. Ficamos sem saber de coisa alguma, nem quanto recebemos nem quanto teremos a pagar. Ora o que a gente quer é o negócio das libras bem esmucalhado.

—Isso, isso...—apoiá o Morais, satisfeito por puxar a brasa à sardinha.

As coisas vão tomando um aspecto desagradável. Há murmúrios ameaçadores na feira; então, o director, feito cabo de ordens ou regedor, chama o Maia ex-vorador e observa-lhe:

—Foste dizer mal de tanta gente que andou na Guerra, que eles não tinham categoria moral—um sarilho. E agora, meu velho, tens de dar explicações, porque o caso anda bido com a tal perinha triangular do António Maria...

O Maia empoleirou-se num alto coqueiro, que estava ali a propósito e no Brasil valia algumas corbas e pregou:

—Eh! rapaziada! Eu cá já não tenho avião para vos falar de alto e bom som. Mas não faz mal, que esta vida são dois dias e tristezas do demitido não pagam dividas. Eu vos digo, rapazes da minha geração, do alto deste coqueiro: eu cá não ofendi o António Maria da Silva, porque ele é bom rapaz. Ora pois...

Dito isto, saltou ao chão. A rixa não







# Congresso Nacional Metalúrgico

RESPOSTA DA FEDERAÇÃO METALÚRGICA À CIRCULAR SOBRE A CONFERENCIA DE SECRETARIOS GERAIS DIMANADA DA SECÇÃO DE FEDERAÇÕES DA C. G. T.

P.—Como a quem deve ser aco-

lida a Gestão Industrial?

R.—Somos de opinião que a Gestão Industrial deve ser aco-

lida a Gestão Industrial?

R.—Somos de opinião que a Gestão Industrial deve ser aco-

lida a Gestão Industrial?

R.—Somos de opinião que a Gestão Industrial deve ser aco-

lida a Gestão Industrial?

R.—Somos de opinião que a Gestão Industrial deve ser aco-

lida a Gestão Industrial?

R.—Somos de opinião que a Gestão Industrial deve ser aco-

lida a Gestão Industrial?

R.—Somos de opinião que a Gestão Industrial deve ser aco-

lida a Gestão Industrial?

R.—Somos de opinião que a Gestão Industrial deve ser aco-

lida a Gestão Industrial?

R.—Somos de opinião que a Gestão Industrial deve ser aco-

lida a Gestão Industrial?

R.—Somos de opinião que a Gestão Industrial deve ser aco-

lida a Gestão Industrial?

R.—Somos de opinião que a Gestão Industrial deve ser aco-

lida a Gestão Industrial?

R.—Somos de opinião que a Gestão Industrial deve ser aco-

lida a Gestão Industrial?

R.—Somos de opinião que a Gestão Industrial deve ser aco-

lida a Gestão Industrial?

R.—Somos de opinião que a Gestão Industrial deve ser aco-

lida a Gestão Industrial?

R.—Somos de opinião que a Gestão Industrial deve ser aco-

lida a Gestão Industrial?

R.—Somos de opinião que a Gestão Industrial deve ser aco-

lida a Gestão Industrial?

R.—Somos de opinião que a Gestão Industrial deve ser aco-

lida a Gestão Industrial?

R.—Somos de opinião que a Gestão Industrial deve ser aco-

lida a Gestão Industrial?

R.—Somos de opinião que a Gestão Industrial deve ser aco-

lida a Gestão Industrial?

R.—Somos de opinião que a Gestão Industrial deve ser aco-

lida a Gestão Industrial?

R.—Somos de opinião que a Gestão Industrial deve ser aco-

lida a Gestão Industrial?

R.—Somos de opinião que a Gestão Industrial deve ser aco-

lida a Gestão Industrial?

R.—Somos de opinião que a Gestão Industrial deve ser aco-

lida a Gestão Industrial?

R.—Somos de opinião que a Gestão Industrial deve ser aco-

lida a Gestão Industrial?

R.—Somos de opinião que a Gestão Industrial deve ser aco-

lida a Gestão Industrial?

R.—Somos de opinião que a Gestão Industrial deve ser aco-

lida a Gestão Industrial?

R.—Somos de opinião que a Gestão Industrial deve ser aco-

lida a Gestão Industrial?

R.—Somos de opinião que a Gestão Industrial deve ser aco-

lida a Gestão Industrial?

R.—Somos de opinião que a Gestão Industrial deve ser aco-

lida a Gestão Industrial?

R.—Somos de opinião que a Gestão Industrial deve ser aco-

lida a Gestão Industrial?

R.—Somos de opinião que a Gestão Industrial deve ser aco-

lida a Gestão Industrial?

R.—Somos de opinião que a Gestão Industrial deve ser aco-

lida a Gestão Industrial?

R.—Somos de opinião que a Gestão Industrial deve ser aco-

lida a Gestão Industrial?

R.—Somos de opinião que a Gestão Industrial deve ser aco-

lida a Gestão Industrial?

R.—Somos de opinião que a Gestão Industrial deve ser aco-

lida a Gestão Industrial?

R.—Somos de opinião que a Gestão Industrial deve ser aco-

lida a Gestão Industrial?

R.—Somos de opinião que a Gestão Industrial deve ser aco-

lida a Gestão Industrial?

R.—Somos de opinião que a Gestão Industrial deve ser aco-

lida a Gestão Industrial?

R.—Somos de opinião que a Gestão Industrial deve ser aco-

lida a Gestão Industrial?

R.—Somos de opinião que a Gestão Industrial deve ser aco-

## DA INVICTA CIDADE VERDADES AMARGAS

COMENTANDO UM ARTIGO...

O n.º 22 (IV série), referente a 31 de

Março findo, do jornal *Luz e Vida*, or-

que existe a União, qual é o seu fim,

qual o fim que teve em vista aderindo

em papel de officio à C. G. T., e porque

razão não adere monetariamente, gas-

tando o expediente como todo o traba-

lhador organizado, enviando a sua per-

centagem para a U. S. O., distribuindo

pelos seus associados a caderneta con-

federal, com que amanhã poderemos

provar em qualquer ponto do mundo

que somos trabalhadores organizados.

Não, não queremos saber destas razões,

destas perguntas.

Além disso é uma classe de incon-

cientes.

Diga-me onde está a preparação

feita para qualquer movimento a enca-

tar neste ano de 1924? Crê porventura

que este ano se poderia fazer um movi-

mento de protesto, mesmo que se come-

çasse imediatamente com a preparação?

Não tenha ilusões. Seria um tremendo

fiasco.

O *Luz e Vida* fez uma conferência

sobre a organização de classe. E a União

quantas fez ultimamente? Nenhuma.

Ora diga-me se a nossa classe é ou não

a que mais atrasada está em matéria de

organização? Claramente que sim. Co-

mo nós, só vejo a classe dos telefonis-

tas. Portanto, meu bom amigo, não peça

a União da classe. Peça antes a propa-

ganda intensa na classe, chamando ao

apreço as ovelhas errantes, que não

obedecem ao chamamento do pastor,

antes de tudo.

Precisa a U. E. C. P. de militantes

que vão ao propagandear os ideais sin-

dicalistas? Peça-os à delegação do norte

da C. G. T. Peça-os à U. S. O., pois

certo estou que de bom grado muitos

e muitos militantes se ofereceriam para

irem levantar o espírito desses

infelizes que, cegos pela antevisão dum

patronato explorador e ignóbil, se vão

deixando, enquanto caixeiros, espessar

pelos seus senhores.

Pobres de nós, meus amigos, porque

ainda consentimos os episódios lá dentro.

Sabe quem eles são? São os patrões que

andam a coberto da capa protectora de

algum camarada transviado do caminho

rectilíneo do dever. Enquanto não cor-

termos de vez com eles de lá de dentro

para a rua, nunca a U. E. C. P. será a

legítima representante do explorado

caixeiro do Porto, mas sim um mescla-

do, um «pêlo-mêlo» de indivíduos com

situações sociais essencialmente antagô-

nicas.

Realiza-se no domingo uma assemblea

geral. Vamos a ver o que dá. Mas desde

já posso afirmar que nada veremos re-

sultado sobre o magno problema que

nos envergona perante a organização

operária nacional e perante sindicatos

da nossa especialidade da provincia: a

adesão de facto à C. G. T. e o gasto

de expediente da mesma.

Desculpem-me, creia sempre no sin-

cerro devotamento à mesma causa do

seu camarada

Mário AFONSO

(Sindicado n.º 6025 da U. E. C. P.)

Trabalhadores: lêde e propaga o Su-

plimento de A Batalha

ABASTECIMENTOS

Comissões em todo o país

O Comissário dos Abastecimentos,

está fazendo com que se organizem em

tudo o país, as comissões de abasteci-

mento, criados pelo decreto 7.325, or-

ganismos que poderão exercer uma

larga acção para melhorarem as con-

dições de vida da população.

Compra de milho

O major sr. Sá da Costa, está tratan-

do junto do governo, da abertura de

um crédito para a compra de milho

destinado a acudir a alguns concelhos

do norte do país que lutam com sérias

difficuldades no abastecimento de pão.

Feiras livres

As feiras livres do largo da Graça,

praça do Brazil e Campolide, continuam

funcionando com os produtos que ali

são levados pela Manutenção Militar e

Escola Agrícola da Páa.

## TEATROS & CINEMAS

### No São Carlos A festa do maestro Tulio Serafin

Em São Carlos, no sábado último te-

ve lugar uma festa em honra do maes-

tro Tulio Serafin, primeiro regente da

orquestra daquele teatro, cuja tempo-

rada de opera acaba de terminar. Bem

merecido foi, pois que os admiradores

do insigne chefe de orquestra, fossem

prestar-lhe a sua sympathia e admira-

ção, por ele marcou a sua alta individua-

lidade pela grande sabedoria e pela va-

lidade beleza que imprimiu às partituras

que couberam a sua direcção. Tulio Se-

rafin deixa entre nós um grande nome,

quando mais não fosse pela estranha

pericia com que em opera sobejamente

conhecia do nosso publico, obteve efec-

tos meritos que os transformaram numa

legião muito diversa daquela com que

se tem apresentado à nossa audição.

Bastaria para documentar a nossa afir-

mativa, a simples citação da forma in-

terpretativa por que Tulio Serafin, no

poz em contacto com *Mudame Butter-*

*fly* pouco relevada na sua inspiração,

pelos maiores dos maestros que a tem

encaminhado entre nós.

A grande faculdade de Tulio Serafin

é especialmente a da *pantomima*.

Merce do poder de detalhe que ele pos-

se, a accessibilidade é muito mais fran-

ca e não há uma minúcia instrumental

que não tenha o seu relevo, não há ne-

nhuma aparente nebulosidade que o re-

gente não perscrubisse, dando-lhe o sen-

tido próprio e a expressão adequada.

O concerto da sua festa devia ser

mais uma manifestação do seu talento

esquadrinhador, porque se tratava da

música em gneria em todos os aspectos

da sua pujança musical; era como que

uma trajectória ascendente da música

do Mestre de Reymuth.

Tunhader, Mestres Cantores, Tris-

ta e Isolda, Walkiria, Siegfried, Cres-

púculo dos Deuses, são uma enormis-

sima constelação da beleza musical, até

hoje ainda não igualado.

Tulio Serafin foi admirável de claro

escuro em todas as excerptas que destas

óperas dirigiu, vigoroso quando o vigor

e a magestade se impõe, subtil, deli-

cado, bucólico, quando a composição re-

sencia a essa gama interminável de sen-

timento de verdade que é a caracteris-

tica máxima da obra de Wagner.

E, se todos os trechos executados o

foram soberbamente, para o que con-

tribuiu bem a sua orientação artística,

dos houve que nos emocionaram pelo

registro interpretativo, a «ouverture» do

Tannhäuser e a morte de Isolda; foram

simplesmente magistrais, nos seus efec-

tos melódicos e harmónicos.

Dos cantores bastante diligentes com-

pre-nos especializar Maria Lacer e Se-

guro Tallien, primorosa soprano a pri-

meira, vibrante barítono o segundo.

A noite de Tulio Serafin, foi, o que

pode chamar-se, uma noite de beleza e

uma grande lição educativa, em que a

orquestra teve um papel assinalado, pe-

la qualidade dos seus componentes

Nogueira de BRITO

CARTAZ

S. CARLOS—Não há espectáculo.

NACIONAL—A's 21—«As Andorinhas».

TRINIDADE—A's 21—«O Povo do Bapão».

POLITEAMA—A's 21—«Greve geral».

APOLLO—A's 21, 15—«Fruto Proibido».

AVENIDA—A's 21, 30—«Cama, Mesa e Roupa lavada».

EDEN THEATRO—Não há espectáculo.



